

A variação linguística na lusofonia: reflexões sobre moçambicanismos lexicais e semânticos no “Jornal @Verdade”

Alexandre António Timbane¹

Zacarias Alberto S. Quiraque²

Resumo: A pesquisa faz uma reflexão sobre a variação linguística léxico-semântica no Jornal moçambicano “@Verdade”. Especificamente, o trabalho discute os conceitos de variação e mudança linguísticas bem como a sua interferência na cultura; explica como a variação linguística léxico-semântica do português constrói a variedade moçambicana e identifica marcas do português de Moçambique no jornal “@Verdade”. Como variáveis linguísticas, observaram-se os empréstimos lexicais provenientes das línguas bantu e do inglês discutindo a variação semântica no contexto de Moçambique. A pesquisa utilizou um *corpus* composto por 10 edições do Jornal @Verdade, especificamente as páginas das notícias nacionais. Neste contexto, concluiu-se que embora a língua escrita tenda a conservar traços fixos, ela não deixa de apresentar variações que são influenciadas pelas variáveis sociolinguísticas. Conclui-se ainda que o Jornal “@Verdade” apresenta uma identificação léxico-semântica própria dos moçambicanos, o que confirma o crescimento e a afirmação do Português de Moçambique.

Palavras-chave: Lusofonia. Variação Lexical. Moçambicanismos.

-
- 1 Universidade Federal de Goiás – UFG, Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Mestrado em Estudos de Linguagem. Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro. Contato: alextimbana@gmail.com.
 - 2 Universidade Federal de Goiás – UFG, Regional Catalão, Mestrado em Estudos de Linguagem, Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística. Bolsista do PEC-PG/CNPq. Contato: quiraque@gmail.com.

Introdução

No século XV, Moçambique observou a chegada de vários navegadores portugueses que tinham o objetivo de colonizar o país. Dessa intenção inicia a expansão da Língua Portuguesa (LP) a partir de trabalhadores e escravos que trabalhavam para os colonos. A escola era apenas para filhos de colonos e para os assimilados (aqueles que interiorizaram os hábitos, ideias e cultura do colono) que, na maioria das vezes, nem concluíam o ensino fundamental. Por razões históricas, o português cresceu lentamente, pois este só se fazia sentir nas cidades, enquanto a população rural conservava as suas línguas bantu (LB) moçambicanas. Os portugueses encontraram uma sociedade estabelecida e organizada do ponto de vista político, linguístico, econômico que fazia trocas comerciais harmoniosas entre os árabes, que vinham desde há séculos praticando esta atividade com os nativos e não havia conflitos entre tribos como resultado da prática dessas atividades (ABDULA, 2014).

Sabe-se que a língua é um dos instrumentos de comunicação e é com ela que se interpreta o mundo e se estabelecem relações de todo tipo entre os seres humanos. Ela é uma entidade abstrata, que se localiza em nível superior e que é compartilhado por uma determinada sociedade, constituindo o fenômeno mais importante que diferencia o ser humano dos outros seres. Para Coseriu (1979, p. 32), a “língua pertence ao indivíduo e, ao mesmo tempo, à sua comunidade, e no próprio indivíduo se apresenta como alteridade, como algo que pertence também a outros”.

A fala é ato linguístico individual enquanto que a língua é social, é uso linguístico da comunidade, é patrimônio ou instituição social ou produto histórico coletivo. Para além destes dois elementos, Coseriu (1979) acresceu a ‘norma’ que seria um primeiro grau de abstração da fala. Considerando a língua o sistema, um conjunto de possibilidades abstratas, a norma seria então um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da língua. A norma é o conjunto de variantes, de hábitos linguísticos de uma comunidade de fala.

A língua é uma forma de comportamento social e, em alguns casos, é influenciada pelo ambiente (SAPIR, 1969). O português brasileiro, angolano, moçambicano e por aí em diante são variedades do mesmo português. Estas variedades linguísticas identificam um povo e ao mesmo tempo a sua cultura. Já que a língua pertence ao social e cada indivíduo usa-a de forma particular, é importante sublinhar que a literatura moçambicana é rica em traços linguísticos que ocorrem naquela variedade do português.

Sempre que se pergunta qual é a língua falada em Moçambique, a resposta não é uma e única, tal como um português em Portugal responderia. Os brasileiros também têm (ou pelo menos deveriam ter) essa dificuldade de responder qual

é a língua do Brasil, pois existem mais de 190 línguas (RODRIGUES, 2010) da família tupi-guarani faladas por populações indígenas espalhadas um pouco pelo país. Pensando melhor, entende-se por que as pessoas acham que a língua do Brasil é apenas o português, pois a política colonial e mais tarde a política linguística vigente reforçaram a ideia da existência de uma única língua no Brasil quando oficializaram, através da Constituição da República, apenas o português relegando as línguas originárias das Américas para situações de comunicação informal.

Os moçambicanos falam Kiswahili, Kimwani, Shimakonde, Ciyao, Emakhuwa, Ekoti, Elomwé, Echuwabo, Cinyanja, Cisenga, Cinyungwé, Cisena, Ciwutee, Cimanyika, Cindau, Cibarwe, Citshwa, Gitonga, Cicopi, Xirhonga, Xichangana, Ciswati, Xizulu (TIMBANE, 2014). Nestas línguas, se integra a língua moçambicana de sinais e o português, língua de origem europeia. O número de falantes de português como língua materna subiu de 1,2% em 1980 para 6,5% em 1997, e ainda para 10,7% em 2007, ano do último Recenseamento Geral da População e Habitação. Contrariamente a essa tendência, o número de falantes das línguas moçambicanas desceu de 98,8% em 1980 para 93,5% em 1997, e para 89,3% em 2007 (TIMBANE, 2013).

Dentre os mais de 20 idiomas, as línguas maternas mais faladas em Moçambique são: “o eMakhuwa (26,3%), o xiChangana (11,4%), português (10,8%), o ciSena (7,8%) (TIMBANE, 2015). Segundo os dados do Recenseamento Geral da População de 2007, assume-se que a LP é falada por 50,3% da população como língua segunda e por 10,7% como língua materna. Portanto, está clara a ideia de que Moçambique não é monolíngue porque coabitam no mesmo espaço geográfico as línguas do grupo bantu e o português.

No âmbito da lusofonia pode-se levantar uma questão profunda: Afinal, temos uma língua ou várias línguas portuguesa(s)? Será que se pode dizer ‘língua portuguesa moçambicana?’ ou ‘português de/em Moçambique?’ O presente artigo pretende discutir estas questões da variação do português na lusofonia, em particular em Moçambique, mostrando que a língua, a norma e a fala são entidades que devem ser observadas, pois o seu conjunto forma a linguagem, o sistema.

Coseriu (1979) entende o sistema como um conjunto de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e fechados, quer dizer, um conjunto de liberdades e obrigações que não podem ser rompidos. Pretende-se demonstrar que apesar de vivermos num momento da globalização em que as notícias, as informações correm com mais rapidez devido às novas tecnologias (redes sociais etc.), veiculadas em português, a língua varia e apresenta características peculiares em cada lugar geográfico e em cada indivíduo.

Neste sentido, o respeito às regras por parte dos falantes do português onde quer que estejam no espaço lusófono permite um entendimento geral, mesmo sabendo que o social, o ambiente e a cultura interferem na língua. O artigo ten-

tará fazer com que se perceba a necessidade da existência de variedades linguísticas, tal como acontece na realidade, mostrando, ao mesmo tempo, a importância da luta e combate contra o preconceito linguístico que ocorre não só no ensino fundamental, médio e superior, mas também na comunidade no geral.

A revisão bibliográfica e o método introspectivo com apoio de exemplos de estudos anteriores e do nosso conhecimento nos levarão a concluir que não existem línguas, mas uma LP falada/escrita nos nove (9) países onde é oficial, que vai variando devido aos contextos locais mais precisos, tal como no contexto moçambicano. É o percurso normal que as línguas seguem e ninguém poderá impedir, pois as línguas são dinâmicas e evoluem com o tempo. A chegada de novos termos, novo léxico simboliza a criatividade linguística do português, fenômeno natural que pode resultar (enfim) na formação de novas línguas.

A pesquisa levanta uma questão de partida que se resume na seguinte pergunta: Como se explica o fato de que falantes de uma mesma língua tenham uma língua lexicalmente variável? Neste sentido, avançam-se as seguintes hipóteses: (i) a língua escrita é diferente da língua oral e tende a conservar traços fixos; (ii) a variação é influenciada pelas diferenças sociolinguísticas; (iii) a norma-padrão europeia é que une a língua escrita na lusofonia. Ademais, a pesquisa visa a compreender a variação lexical na lusofonia com especial atenção ao contexto de Moçambique. Ela discute os conceitos de variação e mudança bem como a sua interferência na cultura; explica como a variação léxico-semântica particulariza e constrói o português de Moçambique e identifica marcas do português de Moçambique no Jornal “@Verdade”.

O trabalho está dividido em cinco partes. A primeira discute questões sobre a LP na lusofonia, apontando questões sobre a variação e a mudança linguísticas. Na segunda parte, discute-se o português de Moçambique e suas características, levantando a influência da variação léxico-semântica. Na terceira parte, debate-se a importância do respeito pelas variações na escola e no meio social. Na quarta, apresenta-se a metodologia com a descrição do jornal e análise e, na quinta e última, apresentam-se as conclusões e as referências bibliográficas.

1 A língua portuguesa na lusofonia

1.1 A variação e as variedades linguísticas

Etimologicamente a palavra ‘lusofonia’ provém da junção de ‘luso’+‘fonia’. ‘Luso’ é referente à ‘Lusitânia, Portugal’ e ‘fonia’ é referente ao ‘som’ (fala). Faraco define lusofonia como sendo o “conjunto dos falantes de português mundo afora” (FARACO, 2012, p. 33). Para o dicionário de Houaiss e Villar (2009, p. 1203), a

lusofonia é o “conjunto daqueles que falam português como língua materna ou não” ou, ainda, o “conjunto de países que têm o português como língua oficial ou dominante”. As definições são complexas e discutíveis. Entendemos por lusofonia o espaço geográfico onde se compartilham interesses econômicos, culturais, políticos e históricos, sobretudo, no idioma português. Esta definição nos parece mais abrangente e completa, embora possa ainda ser mais discutida.

Pensando melhor, será que os membros da lusofonia se entendem no idioma português de igual modo? Outros elementos que provocam debates acirrados relacionam-se com as formas como esses membros usam esta língua, na pronúncia das palavras, nas escolhas lexicais e semânticas. No Brasil há quem diga que se fala a ‘língua brasileira’ e não português, em Portugal há quem diga que todos os membros da lusofonia deviam usar a norma padrão-europeia e por aí em diante. O que nos parece mais verdade é que este português permite a comunicação e a compreensão no espaço lusófono porque todos usamos o mesmo sistema no qual cada falante vai buscar regras e formas nele aceitas.

A questão da distribuição das diferentes manifestações que a LP apresenta nos diferentes países, em variedades linguísticas é assunto falacioso entre os linguistas ou não linguistas. Por um lado, há quem defenda a existência de três variedades: o português falado no Brasil, o falado em Portugal e o português falado em outros países em que esta língua chegou como herança da colonização portuguesa. Por outro lado, há quem defenda a ideia de existência de variedades do português distribuídas em cada país em que este se tornou língua oficial.

Na perspectiva de Lopes, Siteo e Nhamuende (2002), entende-se por variedades de língua as formas como a língua se manifesta em diferentes contextos culturais. Para os autores, a variedade europeia é aquela falada/escrita em Portugal (geralmente referido como Português Europeu, designado de variedade mãe) e o Português falado/escrito no Brasil (conhecida como português brasileiro). É como se existisse uma língua de origem da qual nasceram outras. Mas este debate não é justo, pois sabemos que tanto a variedade europeia quanto a brasileira ou de outros países lusófonos têm o mesmo valor e importância. Aliás, mesmo em Portugal não se fala português da mesma forma.

Coelho *et al.* (2015, p. 14) dão o nome de variedade “à fala característica de determinado grupo”. Para os autores, a variação é um “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Que a língua varia e muda, ninguém duvida. Tanto a variação assim como a mudança linguística são processos históricos que ocorrem nas diferentes línguas do mundo devido a vários processos. Portanto, a língua portuguesa pode variar geograficamente (de país para país) fazendo surgir o português angolano, português cabo-verdiano e por aí em diante.

Em Moçambique, as manifestações da LP falada na zona sul do país podem se diferenciar com as da zona norte ou centro. Estamos diante de variantes regionais. Aliás, sobre este aspecto Abdula (2014, p. 35) argumenta que

Se uma boa parte dos falantes do português em Moçambique tem como a língua primeira (L1) uma das línguas nacionais, salvo o português, podemos afirmar que o português falado nas diferentes partes do país apresenta marcas de identidade dos falantes com a sua língua e sua cultura, devido ao contacto que o português tem com essas línguas.

Ainda sobre este aspecto, segundo Bagno (2007), dentre vários fatores sociais que podem auxiliar nos fenômenos de variação linguística temos a destacar os seguintes: a) origem geográfica: a língua varia de um lugar para outro, podendo-se identificar a fala através das diferentes regiões, estados, e áreas geográficas de um mesmo estado, observando ainda a origem rural ou urbana do falante; b) *status* socioeconômico: o nível de renda do falante pode interferir no seu modo de falar, isto é, as pessoas com um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm uma renda médio ou muito alto; c) grau de escolarização: o maior ou menor acesso à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, são também fatores muito importantes na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; d) idade: geralmente os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes como as pessoas das gerações anteriores; e) sexo: os homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece; f) mercado de trabalho: o vínculo da pessoa com determinada profissão e ofícios incide na sua atividade e criatividade linguística e; g) redes sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social e entre esses comportamentos está também o linguístico.

1.2 A influência da cultura na variação linguística

O nascimento da LP se deu num espaço ricamente habitado por diversos povos: árabes, romanos, muçulmanos etc. Com a chegada desses povos ao espaço que serviu de berço para a LP, Península Ibérica, inevitavelmente ocorreu a instalação das culturas e das línguas de uso comum a cada grupo representante de cada povo que ali se fez presente. Deste modo, a romanização e a reconquista juntamente com outros fatos histórico-políticos constituem um conjunto social comum à memória coletiva dos povos já existentes na Península anteriormente à invasão dos povos citados acima.

O contato entre línguas e culturas diferentes com os nativos do espaço Ibérico proporcionou a mudança linguística que, gradualmente, foi evoluindo até o surgimento do português. Esta evolução não se deu de modo rápido e inicialmente definitivo, foi se adequando ao contexto social de que dispunha o território de recepção, a fim de atender necessidades emergentes dos sujeitos que coabitavam um mesmo espaço em que a necessidade de comunicação se tornou importante para o curso normal da sociedade em si.

Os conflitos provocados pelo contato linguístico-cultural fazem parte de um processo de mudança linguística que se torna necessário para resguardar a afirmação de uma língua seguindo as características intrínsecas ao espaço recém-invadido. Por isso importa ressaltar que as mudanças linguísticas são resultados de um processo histórico social comum aos membros participantes de uma determinada comunidade linguística. Desta forma, os fatos histórico-linguísticos são interpretados primeiramente em nível individual e, posteriormente, em nível grupal para depois serem organizados na memória social coletiva de maneira autêntica. Tudo isso acaba tornando o processo de troca linguística ritmicamente lento ou rápido a depender da intensidade do contato linguístico.

No entanto, “a mudança linguística é um processo sociocultural e socio-cognitivo, ou seja, um processo que tem origem na interação entre a dinâmica social da comunidade de fala e o processamento da língua no cérebro por parte de dois indivíduos em interação comunicativa” (BAGNO, 2014, p. 92). Evidentemente, para que haja sucesso comunicacional é natural que se estabeleça uma relação de conexão entre a cognição do sujeito e a sua cultura confrontada com as do outro. Nesse caso, o resultado é a combinação das culturas e línguas em situação de contato que, propositalmente, configuram um percurso altamente complexo que se modifica sorrateiramente, a fim de atender necessidades específicas da comunicação de cada comunidade linguística.

O surgimento das variações do latim é prova de que nenhuma língua “é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua-como tudo mais no universo-não para, está sempre se transformando” (BAGNO, 2014, p. 80). Tal conceito justifica o percurso variacional que se deu ao longo dos séculos até a definição da LP na Península Ibérica, já que o latim evoluiu de tal maneira que deu margem a várias línguas românicas, tendo o português resquícios desta base. Foi justamente o contato entre o latim e as línguas autóctones que deu margem ao nascimento do português no ocidente europeu (a partir século VI), e posteriormente ganhou *status* de LP, sendo reconhecida como tal.

Os exemplos são apenas para mostrar que o português europeu não se constituiu por si só, mas contou com a contribuição de vários aspectos linguísticos das línguas de povos que se instalaram na Península e que de algum modo fixaram expressões ou palavras que determinaram a elaboração de vocábulos usados até

hoje em Portugal. Deste modo, o português falado em Portugal é diversificado. Pagotto (2005) relata a existência de três (3) tipos de dialetos: dialetos galegos, setentrionais e centro-meridionais. Ou seja, a depender da intensidade do contato entre o latim e as línguas autóctones em cada região do país, as influências foram mais intensas ou menos intensa, mas o que realmente importa destacar é que o português viajou séculos até se tornar a variedade autônoma e independente que se designa língua portuguesa. Portanto, cada um dos falares mencionados acima por Pagotto (2005), incluindo os falares de outros países da lusofonia, formam esta ‘nossa Lusitânia’.

As condições históricas e culturais de Portugal permitiram transformações na língua ao longo do tempo. Por isso, o passado em consonância com o presente continua a determinar o surgimento de manifestações que muito representam o vocabulário dos portugueses, com empréstimos vindos de outras línguas, fato que resulta no aumento do acervo lexical com uma face modernamente elaborada.

Diante da importância dos fatos históricos e sociais gravados na memória social é pertinente reconhecer a existência de variações linguísticas em todos os níveis durante o processo da evolução de uma língua. O que significa dizer que o latim evoluiu de tal forma que se originou o português (e outras línguas) e este por sua vez adquiriu várias faces ao ser expandido no mundo, dando origem ao português brasileiro, moçambicano, angolano etc. Nesse sentido, é natural que as transformações dentro de uma língua sejam atribuídas a influências externas de aspectos linguísticos e culturais de outras, através do contato e da imposição política em consonância com as coordenadas internas, motivadas pela cultura e pela língua no ambiente de contato.

O estatuto ou *status* que o português carrega em países lusófonos nem sempre foi um processo lento e pacífico, pois em alguns países este se configurou dentro de um plano de imposições políticas cruéis e, muitas vezes, desgastantes. Desse modo, a língua representa sempre a história sociopolítica de um povo que é atravessada por gerações tão importantes às bases linguísticas que sustentam as possibilidades de usos do sistema linguístico tão importante para o sucesso comunicacional. Contudo, as invasões no território do extremo Ocidental corroboraram para o que hoje chamamos de LP.

2 O português em Moçambique e suas características lexicais

Foram quase quinhentos (500) anos de colonização que, através de uma guerra desencadeada em dez (10) anos com os portugueses, culminou com a independência de Moçambique em 1975. A partir desse ano, a LP foi adotada como a

única língua oficial e de acesso à educação neste país. Devido a valores político-ideológicos a ela ligados reforçou a sua posição em detrimento das LB e tornou-se neste caso: 1) única língua oficial; 2) língua de prestígio; 3) língua de ensino; 4) língua que todos sabem ou gostariam de saber (FIRMINO, 1998). Este processo teve suas consequências, tais como: a secundarização das línguas moçambicanas a que foram e/ou são atribuídas designações com teor pejorativo, nomeadamente, ‘dialetos’, ‘línguas indígenas’ línguas ‘kafriarizadas’ ou ‘cafrializadas’ e até mesmo ‘línguas de cães’ (KITOKO-NSIKU, 2007, *apud* MABASSO, 2010); desigualdade de oportunidades no setor laboral; segregação linguística. O domínio da LP identifica-se com uma classe política e economicamente dominante e abre caminhos, para estes falantes, ao mundo exterior através do acesso à educação superior (LOPES, 2004).

Não vamos deixar de defender que as LB moçambicanas tinham condições linguísticas para serem oficiais, pois são línguas completas, porém com a estrutura gramatical e lexical bem diferente do português europeu. A aceitação do português como a única língua oficial foi resultado da política linguística adotada pelo governo. Diante da sua mistura com as línguas autóctones faladas em Moçambique surgiram outras características que, de certo modo, foram se diferenciando com as do português europeu, e o português naquele país passou por um processo de nativização que condicionou a sua transformação estrutural e, sobretudo, sócio-simbólica (FIRMINO, 2015).

A respeito desta variedade, as obras “Moçambicanismos: para um léxico de usos do português moçambicano” de Lopes, Siteo e Nhamuende (2002) e “Minidicionário de moçambicanismos”, de Dias (2002), são de referência nesses estudos iniciais. Nessas obras, os autores tiveram intuito de reunir um conjunto de léxico de usos com características típicas do português falado em Moçambique, língua herdada do colono, com traços característicos, realizações formais e contextuais de moçambicanidade na fala e na escrita. Muitas delas são resultados da convivência e interferência das LB faladas em diferentes regiões do país, fazendo com que seja uma língua com aspetos variacionais bem diferentes com os de outros países da lusofonia.

Deste modo, o léxico em sua variação constitui-se semanticamente dentro de um contexto diversificado denunciador de outra “maneira de entender, conceber, talvez mesmo de sentir o mundo” (PERINI, 2004, p. 42). Significa que as palavras como partes do repertório que motiva a comunicação social adquirem uma função extra e importantíssima no seio de um grupo linguístico, vez que esta função transcende a relação entre objeto/nome. Isso quer dizer que a escolha pela palavra *matapa* (‘prato feito de folhas de mandioqueira’) está associada não apenas à relação objeto/nome, mas principalmente ao ato de alimentar concreto que é representado simbolicamente na memória cultural da comunidade linguística moçambicana.

Portanto, “cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade” (PERINI, 2004, p. 52), mas não se restringe a isso, pois dentro do seu sistema existe um conjunto lexical capaz de categorizar os objetos, atribuindo a eles um leque infinito de possibilidades. Os usuários da língua encontram no sistema linguístico todas as regras gramaticais bem como o acervo lexical. Sendo assim, as palavras obedecem a um ritmo específico sob o rigor do conhecimento que o ator social tem acerca do universo. É dessa forma que o processo de variação léxico-semântico se torna necessário para a diversificação dos povos que constituem o universo como todo, traduzindo-se numa releitura diversificada que cada sujeito faz do mesmo.

3 A importância do respeito pelas variações linguísticas

Segundo Timbane (2015, p. 93), “o grande problema enfrentado pelos professores no ensino formal é o português, que é a segunda ou terceira língua da maioria das crianças, principalmente nas zonas suburbanas e rurais”. Nestas zonas, onde a maior parte da população reside, muitos alunos moçambicanos chegam à escola sem ter nenhuma noção de português.

Enquanto Moçambique adotou o ensino do português como língua segunda devido ao predomínio de LB pela maioria da população, no Brasil o ensino do português é tido como língua materna. Nos dois contextos, a metodologia não pode ser a mesma e os contextos socioeconômicos não são os mesmos. Todavia, a falta de sintonia entre a língua falada em casa e a língua falada na escola tem trazido muitos problemas na aprendizagem da norma padrão europeia. A língua falada na comunidade se distancia daquela que é exigida pela escola, fato que leva as pessoas a classificarem o português da escola como língua difícil, complicada, embora as pessoas a usem no seu dia a dia (BORTONI-RICARDO, OLIVEIRA, 2013; CASTILHO, 2010).

A escola deve respeitar as variedades do português, mas sem deixar de mostrar o que a norma padrão exige. Ao ensinar diferentes modos de falar, é preciso que a escola esteja bem consciente e bem preparada para mostrar que a esses modos diferentes de falar associam-se valores sociossimbólicos distintos. Se essa informação chegar de forma clara ao aluno, este jamais poderá confundir, muito menos terá o preconceito linguístico. E assim, “a intervenção do professor, quando da produção oral de seus alunos, será sempre para ajudá-los a encontrar outra variante mais adequada ao evento de fala” (BORTONI-RICARDO, OLIVEIRA, 2013, p. 56).

A atuação do ensino na escola atual não se trata de ensinar a língua materna, que o aluno já sabe ao entrar na escola; nem se pode, aliás, ensinar uma língua. O que cabe é ir aumentando as competências linguísticas e comunicativas dos alunos, trabalhar com a língua, melhorando sempre e tornando mais produtivo o manejo desse instrumento. Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013) afirmam que quando o professor conhece as características da fala dos seus alunos pode planejar seu trabalho pedagógico com objetivo de ampliar e trazer à tona as variedades, dando-lhes uma competência comunicativa, tendo em conta os diferentes espaços comunicativos. Tudo aquilo que na sociedade é visto como erro na fala, na visão da sociolinguística é tido como uma inadequação, ou seja, um evento ou ato de fala que não atende as expectativas do ouvinte em função dos papéis sociais de um e outro. O que a sociedade chama de erro é, então, um desencontro entre a produção do falante e a expectativa dos ouvintes, em função do contexto social onde a interação se processa.

Contrariamente ao Brasil que possui dialeto ‘caipira’, em Moçambique não há dialetos. Existe apenas o português de Moçambique que vem se afirmando nas últimas décadas e relatado em pesquisas que descrevem a variedade usada pelos moçambicanos. Os moçambicanos não se identificam com o português brasileiro, apesar da circulação massiva de novelas brasileiras e de canais por assinatura terem invadido o espaço urbano. Eles se identificam com o português europeu e reconhecem esta variedade como o modelo mais correto da língua. Por causa desse pensamento, o país não tem ainda dicionário nem gramática da sua variedade até porque a política linguística bloqueia qualquer intenção nesse sentido, limitando-se a usar gramáticas do português de Portugal ou do Brasil.

O Brasil está avançado em matéria de descrição da sua variedade. Podem-se citar exemplos de Castilho (2010), Perini (2010), Borba (2004), Houaiss e Villar (2009), para além de artigos, teses, dissertações e livros que foram publicados. Entende-se que este país tem uma autoestima com relação à sua variedade. A fraca qualidade de ensino e aprendizagem, principalmente no nível fundamental e médio, não se justifica no fato de Moçambique ter alcançado a independência em 1975, mas sim na falta de vontade política que se reflete.

4 O Jornal “@Verdade” e as análises

A pesquisa interessou-se pelos *corpora* escritos extraídos do jornal moçambicano “@Verdade” (JV). É um jornal fundado em 2008 por Erik Charas, inicialmente impreso e distribuído gratuitamente. Na altura o jornal tinha sua sede em Maputo, que mais tarde mudou-se para a província de Nampula, a mais populosa do país. O jornal aborda notícias nacionais, internacionais, esporte, opiniões, *campus*, cultura e sociedade para além de uma edição em língua inglesa.

A escolha deste jornal se justifica pelo fato de ser moçambicano que para além de ter maior abrangência por ser gratuito, está disponível em forma impressa e digital e ainda é aparentemente imparcial na colocação das suas notícias. Nesta pesquisa, escolheram-se aleatoriamente dez (10) edições para análises, tal como mostra o Quadro 1 abaixo, concentrando-se nas páginas das ‘notícias nacionais’ apenas.

Quadro 1 Datas, edições e ano dos jornais selecionados

DATA	EDIÇÃO/ANO	DATA	EDIÇÃO /ANO
27 maio 2016	391/8	05 agosto 2016	401/8
10 junho 2016	393/8	12 agosto 2016	402/8
24 junho 2016	395/8	19 agosto 2016	403/8
07 julho 2016	397/8	26 agosto 2016	404/8
22 julho 2016	399/8	02 setembro 2016	405/8

Como variáveis linguísticas a pesquisa pretende observar os empréstimos lexicais provenientes da LB, do inglês e do francês, observar a variação semântica de palavras no contexto de Moçambique. Ao apresentar os resultados daremos pelo menos três (3) exemplos para ilustrar estes fenômenos.

a) **Empréstimos das LB:** o *corpus* da pesquisa revelou a existência de muitas palavras provenientes das diversas LB para o português. Algumas delas se adaptaram, como é o caso dos exemplos 1, 2 e 3. A entrada dessas palavras se deve a dois motivos: o primeiro motivo é por necessidade, quando não existe palavra equivalente e/ou correspondente em português e segundo, de luxo, quando se integra uma palavra já existente e dicionarizada no português.

Ex. 1: “...falta de condições, passei a fazer machambas...” (JV, 22/07/2016, p. 2)

Ex. 2: “...Há xiconhocas que não se fartam de mentir...” (JV, 27/05/2016, p. 3)

Ex. 3: “...ele está a marimbar-se para o sofrimento...” (JV, 27/05/2016, p. 4)

O exemplo 1 “**machamba**” significa ‘horta’ e é uma palavra vinda da língua swahili, em que *shamba* significa ‘terra’. O prefixo “**ma-**” é marca do plural da classe 6 dos nomes dessa língua. A palavra do Ex. 2 provém da junção de dois nomes: *xico* (apelido de Francisco) e “*nyoca*” (‘cobra, na língua *xichangana*’). “*xiconhoca*” significa traidor, explorador. No Ex.3, a palavra “*marimba*” é nome de instrumento e dança tradicional de Moçambique. A palavra foi ‘aportuguesada’ e agora significava ‘brincar’ no contexto da frase. Nestes três casos apresentados, as palavras sofreram alguma adaptação fonográfica e semântica.

b) Empréstimos do inglês: O inglês contribui na formação da variedade moçambicana. A entrada de palavras vindas desta língua se justifica pelo impacto que ela tem no mundo. Assim, observa-se entrada massiva de anglicismos. Alguns se adaptaram; outros mantêm a grafia original.

Ex. 4: “...o presidente da Associação dos mukheristas...” (JV, 10/06/2016, p. 10)

Ex. 5: “...durante o briefing à imprensa, que o indivíduo...” (JV, 19/08/2016, p. 7)

Ex. 6: “...se calhar teríamos um país dividido em facções armadas ou estaríamos totalmente gangsterizados.” (JV, 10/06/2016, p. 16)

Nos exemplos 4 e 6 houve adaptação gramatical e gráfica. *Mukherista* provém do inglês “to carry” (carregar), e recebeu o prefixo singular “**mu-**” dos nomes da classe 1 das LB, passando a ser “**mukheristas**”. São conhecidos como ‘mukheristas’ os comerciantes que compram produtos na África do Sul ou na Suazilândia a fim de revender em Moçambique. A palavra ‘gangsterizado’ provem do inglês “gangster”. Neste caso, ela significa ‘estar prejudicado ou afetado’ que é diferente do significado inglês: criminoso, bandido. No Ex. 5, a palavra “briefing” também vem do inglês que significa ‘breve entrevista’.

c) Variação semântica: nos *corpora* observou-se a mudança de significados de algumas palavras. Os exemplos 7 a 8 mostram como as palavras ganharam novos valores, portanto, são neologismos semânticos.

Ex. 7: “Os locomotivas de Maputo defendiam bem ...” (JV, 12/08/2016, p. 6)

Ex. 8: “...dos beirenses seguido por uma bomba ...” (JV, 19/08/2016, p. 6)

Ex. 9: “...régulos do sistema, mamaram os milhões...” (JV, 27/05/2016, p. 3)

No Ex. 7, a palavra ‘locomotiva’ deixou de significar “máquina a vapor ou elétrica que opera a atração dos comboios” (DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, p. 941) e passou a significar ‘nome de time de futebol de Ferroviário’. No Ex. 8, a palavra ‘bomba’ para além do significado mais conhecido passou a significar ‘novidade’ ou ‘segredo’. E, no Ex. 9, para além de ‘sugar leite da mãe’ também significa ‘roubar, furtar, gastar, comer ou prejudicar alguém’.

Outro aspecto a sublinhar nesta pesquisa é a formação de palavras a partir de siglas e acrônimos. Os exemplos 10, 11 e 12 mostram a redução das expressões seguintes: ‘Avtomat Kalashnikova obraztsa 1947’, ‘Empresa Moçambicana de Atum’ e ‘Frente de Libertação de Moçambique’ respectivamente.

Ex. 10: “...de fogo do tipo AK-47, supostamente...” (JV, 07/07/2016, p. 1)

Ex. 11: “...os Ematums dos régulos do sistema...” (JV, 27/05/2016, p. 3)

Ex. 12: “...pela Frelimo contra Afonso Dhlakama...” (JV, 10/06/2016, p. 15)

O estudo das unidades léxico-semânticas da variedade moçambicana acima demonstrado revela a importância da cultura e da história de um povo na construção de uma variedade. A entrada de palavras evidencia claramente como o português é influenciado pelas línguas nativas e estrangeiras. São palavras que

quando implicitamente integradas no português escrito em Moçambique podem trazer diversos valores semânticos, tal como se viu nos exemplos 7, 8 e 9. Encontramos palavras da LP, mas que o sentido do seu uso vai variar em cada contexto. Com o tempo e com o uso elas ganham novos sentidos e funções nas construções sintáticas e discursivas da população moçambicana mostrando que a língua e cultura são fatores indissociáveis para as diferentes manipulações da LP.

O estudo dos moçambicanismos presentes no Jornal “@Verdade” revela a necessidade de compreender o português de Moçambique como uma das variedades nativas carregada de múltiplas identidades e tradições culturais. Nesse sentido, importa dizer que a variação lexical se dá dentro das possibilidades de usos permitidas pelo sistema linguístico vigente no interior da comunidade linguística que, no entanto, regulam as necessidades de construção dos enunciados importantes para o entendimento e a comunicação social.

Conclusões

Sendo um jornal escrito por moçambicanos e para moçambicanos, o Jornal “@Verdade” mostrou como o português de Moçambique está intimamente ligado à cultura. Os contextos sociais, econômicos, políticos e históricos ocorrem dentro de uma comunidade linguística. A língua pertence à sociedade e se adapta aos interesses da comunidade que a utiliza e vice-versa. Por essa razão não se estranha que apareçam moçambicanismos nesse jornal. A fala é o conjunto de atividades físicas e mentais, a língua é o conjunto de convenções adotadas e sistematizadas por uma massa socializada de usuários da fala. A fala é o jogo de atividades pessoais enquanto a língua é o conjunto de convenções, uma chave que permite que cada um possa ter acesso à linguagem. A língua, soma dos atos linguísticos nela concretamente comprovados, é o conjunto de vários acervos linguísticos individuais.

Os dados da presente pesquisa comungam com a ideia de Coseriu (1979) quando diz que o sistema é um conjunto de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e fechados. As criações lexicais observadas no Jornal “@Verdade” jamais se desviaram dos parâmetros estabelecidos pela LP. Coseriu refere que o sistema é conjunto de imposições e de liberdades, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico.

O léxico, por sua vez, revela em alto grau a complexidade da cultura de um povo. A variação lexical está intimamente relacionada ao sentido atribuído aos elementos constituintes do mundo que rodeia cada membro de uma comunidade linguística. O processo de categorização do mundo e sobre o mundo é uma característica marcada pela influência da variação linguística, traduzindo-a em

sentimento de pertença a um ou outro grupo do qual o sujeito faz parte. Neste sentido, esperamos que o presente trabalho abra horizontes, para que sejam realizados mais estudos no sentido de se reconhecer, valorizar e ‘nativizar’ a variação linguística nos países lusófonos, em particular em Moçambique, de modo que “as línguas maternas (*bantu*) irão enriquecer a língua portuguesa falada em Moçambique, e que lado a lado com ela se irão desenvolvendo [...]” (MACHEL, 1979, *apud* LOPES, SITO E NHAMUENDE, 2002, p. iv, grifo nosso).

Referências

- ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo. **Marcas de influência do échúwabo no português de Moçambique**: a questão dos verbos nas redes sociais. 2014. 117 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Língua, linguagem, linguística**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-62.
- BORBA, Francisco da Silva (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSERIU, Eugene. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.
- DIAS, Hildizina. **Minidicionário de moçambicanismos**. Maputo: Imprensa universitária, 2002.

- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FIRMINO, Gregório. Língua e Educação em Moçambique. In: STROUD, Christopher; TUZINE, António. (Org.). **Uso de Línguas Africanas no Ensino: problemas e perspectivas**. Cadernos de Pesquisa. n° 26. Maputo: INDE, 1998, p. 247-278.
- _____. Diversidade linguística e desenvolvimento nacional: questões sobre política linguística e Moçambique. **Revista Científica da UEM: Sér. ciênc. soc.** v. 1, n° 1, p. 121-132. 2015.
- HOUAISS, António; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JORNAL @VERDADE. Edições: 391, 392, 395, 397, 399, 401, 402, 403, 404 e 405. Nampula. Disponível em: <www.verdade.co.mz>. Acesso em: 19 ago. 2016.
- LOPES, Armando Jorge. **A Batalha das línguas: perspectiva sobre Linguística Aplicada em Moçambique**. Imprensa Universitária: UEM, 2004.
- _____; SITO, Sítio Júlio; NHAMUENDE, Paulo José. **Moçambicaníssimos: para um léxico de usos do português moçambicano**. Livraria Universitária -UEM: Maputo-Moçambique, 2002.
- MABASSO, Eliseu. **Estratégias Linguístico-Discursivas na Investigação Criminal: O caso das esquadras de Maputo**. 2010. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, Moçambique. 2010.
- PAGOTTO, Emilio Grozze. Variedades do português no mundo e no Brasil. **Ciências e Cultura: Línguas do Brasil** v.57, n° 2, São Paulo. p.31-34, abr./jun. 2005.
- PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-47.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____.(Org.). **Linguística como ciência**. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318 f. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

_____. Que português se fala em Moçambique? uma análise sociolinguística da variedade em uso. **Vocábulo**, v. 7, p. 1-21, 2014.

_____. A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. **Calidoscópico**. v.13, nº 1, p. 92-103, jan./abr. 2015.

